

A LUCTA

Santa Catharina—Desterro—Domingo 21 de Junho de 1885

ANNO I

REDACÇÃO DE JOSÉ RAPOSO

NUMERO 12

EXPEDIENTE

A «Lucta» assignar-se-ha no escriptorio do «Jornal do Commercio», á Praça Barão da Laguna n. 14, á razão de 1\$ por trimestre e de 1\$200 com porte pelo correio, devendo o pagamento ser feito adiantadamente.

Publicar-se-ha duas vezes por semana, ás quintas-feiras e domingos, sendo vendido o numero avulso a 40 rs.

O numero atrazado da «Lucta» custará 100 rs.

Publica-se annuncios a 40 rs. a linha e artigos ineditoriaes a 60 rs.

Ficam encarregados de receber assignaturas para a «Lucta» os seguintes senhores:

Francisco Monteiro Cabral, na Laguna e freguezias

João Cabral de Mello, no Tubarão.

Pedimos encarecidamente aos nossos assignantes, tanto da capital como de fóra, se sirvam reclamar immediatamente, quando houver irregularidade na entrega d'esta folha.

Os originaes enviados á redacção não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

A LUCTA

Desterro, 21 de Junho de 1885.

Foi aqui recebido, com profundo pesar, o telegramma communicando que, no despacho imperial, de 12 do corrente, fóra concedida a exoneração, ha

tempo, pedida pelo sr. José Paranaguá.

Encheu a todos de magua essa noticia consternadora, que nos roubava um honesto administrador, digno, a todos os respeito, da consideração e estima de que sempre, entre nós, gosou.

Moço ainda, e nascido em meio onde as boas qualidades se desenvolvem, onde os bons exemplos servem de norma, o novel presidente mantevo-se sempre, na administração d'esta provincia, escudado na inteireza do seu character, pautando os seus actos pela mais escrupulosa justiça.

Deixa inumeros amigos, e poucos, muito poucos inimigos, e esses tão infimos, que só se evidenciam na pratica de alguns accões.

E-ses desaffectos, que nem S. Ex. os enxerga atravez da sua independencia, nasceram da propria honestidade de seus sentimentos—são os expulsos do seu palacio pelo repudio na complicitade de actos inconfessaveis.

Foram esses os unicos que quizeram, rebolando-se na lama, tirar d'ella materia para suje-lha a correcta lava de pellica: o sr. José Paranaguá nem d'alles deu fé.

Estorciam-se, impotentes o suj.s. no local em que nasceram, e S. Ex. apenas via n'ellos os bacoros que se alimentam das palridões e que vivem nos charcos.

Foram esses infelizes que, julgando ame-quinhir o alvo de seus ataques, fizeram-n'o crescer no conceito dos homens de bem.

D-va ir satisfeito o sr. dr. José Paranaguá: se não pôde aqui fazer o que meditava de grande em seu espirito progressista, em todo o caso, fez com que as arbas do thesouro deixassem de

ser apalpada: e as gazúas se enferrujassem nas gavetas dos useiros.

Veiu encontrar a provincia pobre, saqueada; harmonisou o que pôde.

Devemos ser-lhe gratos.

Que vá o Exmo. Sr. Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, mas que leve em seu coração bem gravada a lembrança de que aqui tem sinceros amigos e que só deixa para detestá-lo meia dozia de... suinos.

COLLABORAÇÃO

Rem geral

A lei n. 2450 de 24 de Setembro de 1873, no seu art. 1.º § 1.º, dispoz que ás companhias que se propuzessem a construir vias-ferreas, demonstrando com seos planos e dados estatisticos que estas poderiam dar de renda liquida 4 .1.º, ficava o governo autorizado para garantir juros que não excedessem a 7 .1.º, correspondentes ao capital empregado, e pelo prazo de 30 annos.

Em virtude dessa disposição é que a companhia da estrada de ferro «D. Thereza Christina», que demonstrou poder esta dar aquella renda, porque contava com o carvão de pedra que, por ella, fosse transportado, conseguiu, por Decr. n. 7049 de 18 de Outubro de 1878, a garantia de juros de 7 .1.º sobre o seu capital que, por esse mesmo decreto, foi elevado a 5,451:008\$960.

Resultou, portanto, a obrigação da garantia de juros da condição de dar a estrada de ferro a renda liquida de 4 .1.º; e isso porque, assim, haveria possibilidade de ser embolsado o Estado dos juros que pagasse á companhia.

De outro modo, teria de ser despendida com essa garantia a quantia de 11.447:178\$690, sem que podesse haver indemnisação della, o que seria um verdadeiro desastre, uma calamidade financeira.

No contracto, pois, que, com a companhia da «D. Theresa Christina», firmou o governo, deve haver essa condição, — expressa ou tacita —, pouco importa, porque ella existe na lei, em virtude da qual fez-se o contracto.

E, si, quando a uma disposição de contracto se liga uma condição, possível, ao tempo d'elle, mas que depois torna-se impossivel, considera-se esta como não prehenhida e como annullado o contracto que depende della; si, mesmo, sendo suspensiva a condição, vier ella a faltar ou si tornar-se certo que ella não se realisará, a convenção não produzirá effeito:

Conclue-se que — pôde ser rescindida a obrigação da garantia de juros ao capital da «D. Theresa Christina», desde que ella não tem dado e nem dará, enquanto não se fizer a exportação do carvão, a renda liquida de 4.1°, condição que motivou a garantia e que deo logar ao contracto, donde nasceo a obrigação.

Mas, como é preciso também respeitar a boa fé dos contractos, e esta houve da parte do governo e da companhia, quando firmaram o celebrado entre ambos, não pode o governo, só por si, romper esse contracto e, ao contrario, devem os dous contrahentes entrar n'um accôrdo, para a rescisão d'elle, ou recorrer ao arbitramento, quando não possam chegar áquelle.

E' por isso que diziamos e o repetimos ainda: — a encampação da «D. Theresa Christina» é inevitavel, a menos que o governo não queira continuar a jogar lóra, despendendo em pura perda, o dinheiro dos cofres publicos; a menos que não queira adoptar medidas que nos parecem salvadoras, como, entre outras, as de que nos occuparemos.

Voltaremos.

TH. CHAVEZ

NECROLOGIA

A 18 do passado falleceu, na villa de Corytibanos, o padre Gregorio Fernando Villa Nueva, vigario d'essa parochia.

Tambem falleceu, na cidade da Laguna, a 8 do corrente, o sr. Manoel Carneiro Pinto, negociante d'aquella praça.

O *Campeão* é o titulo de um jornal, que viu a luz da publicidade, na villa de Tijucas Grande.

O novo collega promete tanto no seu artigo-programma, que nós não podemos deixar de applaudir o seu apparecimento, e bradar-lhe:

— Coragem e perseverança!

A directoria da S. D. P. «Alvaro de Carvalho» pede-nos para declarar que essa sociedade dará, no theatro Santa Isabel, um espectáculo em grande gala, na noite de 7 de Setembro.

Recebemos os ns. 2 e 3 do *Porvir*, jornal que começa a ser publicado, na cidade de Lages.

Promette o novo collega conservar completa neutralidade na lucta dos partidos politicos.

Deus o conserve com esse bom modo de pensar.

Fcamos agradecidos pelos numeros que nos enviou.

A *Voz do Povo* nasceu implicada.

Tucker, o correspondente da *Verdade*, n'esta capital, na sua ultima correspondencia, assim se exprime a respeito do orgão republicano (?):

«No dia 31 do passado veio a luz da publicidade mais um orgão da imprensa — *A Voz do Povo* —, jornal republicano.

Pelo recebimento que teve parece que não terá vida longa o novo orgão».

Enforca-te, Avó, até na Laguna já sabem do teu fiasco!

COMO NOS RECEBERAM

O *Echo da Serra*, acreditado periodico, que se publica, na cidade de Lages, noticia o nosso apparecimento com as benevolas palavras, que abaixo vão transcriptas, e que agradecemos.

«A LUCTA — E' o titulo de um novo jornal bi-hebdomadario que acaba de apparecer na cidade do Desterro, creado e redigido pelo illustrado sr. José Raposo, e cujo 1º n. temos sob nossas vistas.

E' mais um campeão que se propõe a pugnar com todo o desmodo, pelos direitos do povo. Bem vindo seja».

A Exma. Sra. D. Maria Antonia de Campos restituiu á liberdade duas escravizadas.

Muito bem ao generoso acto.

Temos á vista o n. 32 da «*Matraca*».

Os desenhos estão engraçados e o texto... o nosso visinho que o diga.

Faz as despezas do presente numero a inexgotavel «*Voz do Povo*».

JURY

Na terça-feira foram julgados por esse tribunal os indigitados auctores do barbaro crime do Ribeirão.

Foram absolvidos.

Na quarta-feira foi julgado o pro

cesso em que era réu Eduardo Sales, que também foi absolvido.

O juiz appellou das duas decisões do tribunal.

A vol d'oiseau

Além das calamidades que já sofriamos, apparece agora uma «grêve» de aguadeiros, que nos vem pôr com lingua de palmo e meio.

Não nos bastava o «degringolade», que reina por ahí, era preciso que nos viesse a sêde, e isso graças aos cuidados da camara municipal, que bem merecia... não dizemos o que.

A rua da Tronqueira é um tremedal; cada buraco que parece um dos nossos vereadores... de bocca aberta, os aguadeiros, que não estavam para morrer em vida, fizeram «grêve», e, á respeito d'agua, ficamos nós sem um pingo.

Sabe o leitor o que sentimos de tudo isso? E' não termos ao pé de nós um edil por visinho, porque, se não, não lhe sahiamos da porta a pedir-lhe um copo com agua.

Ao menos tanto havíamos de beber que elles, por seu turno, haviam de mostrar também a lingua.

O leitor dá-se ao trabalho de ler os folhetins da «Regeneração»?

Pois então repare no rodapé d'esse jornal, de 16 do corrente, 2º pagina, 1º columna, ultima linha e... Sentido!

Não consintaes que alguma senhora, que esteja ao vosso lado, leia o que vos apontamos.

A cousa é «crespa».

—«Voilà le sabre de mon père!...

Eis o que se andou a cantar lá pela nossa edilidade.

A presidencia da dita co'ren de mão em mão porque, segundo nos consta, o Sr. Lobo estava cansado de aturar a sucia.

Afinal pegou no «sabre» o sr. João Vidal.

Que lhe faça bom proveito.

Uma muito boa, que nos contou um amigo:

O sr. Silvio Pellico, um parente muitissimo remoto do auctor da «Francesca», está collaborando na «Voz do Povo».

Liberal elle já foi, conservador também, monarchista, por conseguinte agora é republicano.

N'este andar ainda será feniano, nihilista, socialista, communista, e, quando acabar de «camaleonar», enforca-se.

Ora, o Sylvio!

Que homem «evolutivo»!

Os amadores da Alvaro de Carvalho fizeram as «chichas», domingo passado, na recita que offereceram aos seus socios e convidados.

O Santo Isabel esteve repleto de gente, que se não cansou de applaudir os intelligentes moços.

Quanto a nós apenas lastimamos que os espectaculos da gentil sociedade não se realizem...todas as noites

Então, sim; é que era bom.

Esta semana teve sete dias e, durante elles, fez um frio...um frio...

BENTO DOS...

Scenas da época

—Palmyra Ducornier conversa com seu marido;

—E's então de parecer que se deve prevenir a Eugenia?

—Sim, d'esta maneira ella poderá ter cuidado comsigo e tornar-se irresistivel.

—Ten's razão.

—E' o quarto casamento que pretendemos para nossa filha...Deus permitta que nos saiamos bem d'esta vez!... começo a perder a paciencia!

—Das outras vezes não lho tinhámos dito nada e por isso...

—Olhem que é uma cousa difficil casar-se uma filha!

—Ella ahí vem...previne-a.

Chega Eugenia.

Ducornier—Eugenia! Sabes que vamos a casa do Durand?

Eugenia—Sei, meu pae.

Palmyra—Trata de te pôres bem bonita.

Eugenia—Para que?

Ducornier—Deves encontrar já um moço que pretenda a tua mão.

Eugenia—Ah! E' bonito? é moço? é alvo? é l'arbo.

Ducornier—Não o conheço; mas sei que é um bom moço e de excellento familia. Chama-se Paulo Vidal.

Palmyra—Trata de agradar-lhe.

Eugenia—Quem me dera casar já.

A's 9 horas, em casa do Durand:

Ducornier (baixo, a filha)—Queres saber quem é o tal moço?

Eugenia.—Quero, papae; quero!

—E' aquelle de bigodes pretos. E' um bonito moço!

—Não falles tão alto!

—Agrada-me para marido; pôde dizer-lh'o se quizer.

—Apre! não sejas tão apressada!

Palmyra—(Approximando-se da filha)—O Sr. Durand acaba de mostrar-me o tal Paulo Vidal. Queres conhecê-lo?

Eugenia.—O papae já m'o mostrou. E' aquelle moço de bigodes pretos.

Palmyra—Não, é este de barbas louras...

Ducornier.—Olha que estás enganada.

Palmyra—Tu é que estás enganado; pois se o Durand m'o indicou.

Eugenia.—Eu acredito mais no que diz a mamãe do que o que diz o papá. O moço louro é mais bonito que o de cabellos pretos.

Durand (chegando).—Minha querida Eugenia, vou mostrar-lhe o seu pretendente.

Eugenia—Já o conheço.

—Convem-lhe

—Muito... adornoos cabellos louros.

Durand—Mas elle não tem cabellos louros.

Ducornier—Eu não disse? é o de cabellos pretos.

Durand—Tambem não tem cabellos pretos?

A familia Ducornier, (Em côro)—Como?!

Durand—E' aquelle moço calvo que alli está.

Palmyra.—Mas o senhor havia-mo mostrado aquelle de barbas louras que está alli, junto á porta.

Durand—Aquelle é um seu amigo intimo que estava conversando com elle. Foi engano seu.

Eugenia.—O tal calvo é espirituoso?

Durand.—Muito.

Eugenia.—Pouco se me dá que meu marido tenha cabellos, com tanto que converse bem. Quando é o casamento?

Durand.—Espere um pouco, minha linda menina! Roma não se fez n'um dia. (Dirigindo-se para os convidados): minhas senhoras, meus senhores!

a menina Eugenia Ducornier digna-se tocar-nos a ouvertura de *Guilherme Tell*.

Eugenia vai para o piano e toca. Todo o mundo applaude...mesmo porque não ha outro remedio.

Paulo Vidal, depois de ter conversado alguns minutos com Eugenia, vai ao encontro de Durand, o *casamenteiro*.

Durand.—Então meu caro, que tal acha a noivad

Paulo Vidal.—Quer que seja franco?

—Pois não.

—Parece-me uma boneca enfeitada.

—Mas é muito boazinha. Então não a quer para mulher?

—Depende do dote. Fallou ao pae?

—Fallei.

—Dá os cento e cincoenta mil francos?

—Só dá cem mil...pois tem duzentos mil em *esperanças*.

—Depois da morte do pae? Sapatos de defunto.

—Olhe que elle já passa dos sessenta

—Mas a mãe ainda é muito moça.

—Não gosa saúde...

—Porque diz isso?

—Não vê? Olhe como está amarella. Medicos muito habeis têm-a abandonado.

—Razão de mais para que ella viva muito.

—Desconfia então dos medicos?

—Tenho um amigo que ha dezoito annos *espera* a morte da sogra, a quem os medicos não davam dezoito mez-s de vida...

—Comprehendo o seu scepticismo. Não fallemos mais d'esse casamento.

—Sinto muito porque preciso cento e cincoenta mil francos para uma empreza...é só por isso que eu me casei... não achando quem m'os empreste, procuro uma mulher que m'os traga.

—Se achar outra soiva, previnil-o-hei.

—Como? não fica zingado e inimigo?

—Não. Eu gosto muito de arranjar casamentos. É um bom entretenimento.

—A proposito; Se achar uma com duzentos mil francos, olhe que não faz mal.

*

O Ducornier em caminho:

Eugenia.—Então, papae, quando torço a ver o meu pretendente?

Ducornier (*De más humor*).—Não me falles mais nisso!

Palmyra.—Não se arranjou nada?

Ducornier.—Não.

Eugenia.—Então eu não lhe agradei.

Ducornier.—Parece que não.

—Palmyra.—É bem exigente o tal Sr. Paulo Vidal! Ah! Já sei porque elle não quiz mais o casamento!

Ducornier.—Porque foi Palmyra.—Foi porque Eugenia tocou piano... ha homens que detestam este instrumento.

Ducornier.—É bem possivel!

Eugenia.—Mas quem lhe disse que elle não queria mais o casamento, papae

Ducornier.—Ninguem.

Palmyra.—Então como o soube?

Ducornier.—Tinhamos combinado, Durand e eu, que se Eugenia agradasse ao tal *trôca-tintas*, Durand, quando servisse o chá, derramaria uma chicara sobre mim... E-perer! embalde pela agua quente...nem uma gotta!

Palmyra.—Somos muito caiporas.

Ducornier.—Se isto continua por muito tempo, enloudeço!

—Consola-te... ha paes que tem cinco e seis filhas para casar!

—Estes não soffrem muito...

—Por que?

—Porque morrem logo.

ADRIEN HUART.

ANNUNCIOS

ALVORADAS

Está no prelo as poesias *Alvoradas* de Carlos de Faria.

Assigna-se a 1\$000 reis o volume, á rua João Pinto n. 32.

O MEQUETREFE

HEBDOMADARIO HUMORISTICO CRITICO, SATYRICO E ILLUSTRADO

56 Rua da Quitanda 56 (CORTE)

Preço das assignaturas para as provincias

Anno 20\$000

Semestre 12\$000

Pagamento adiantado

Correspondente da Empreza n'esta provincia

JOSÉ RAPOSO

PRECISA-SE

vendedores para o *Jornal de Commercio.*

ADVOGADO

THOMAZ A. F. CHAVES Praça Barão da Laguna n. 23

COLLEGIO SANTA MARIA

INTERNATO E EXTERNATO

DE INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

5 Rua da Paz 5

APONTAMENTOS

ORPHANOLOGICOS

Os Srs. subscriptores podem mandar buscar os exemplares de suas assignaturas, á Praça Barão da Laguna n. 32 onde se vende tambem cada volume daquella obra por 3\$000.

CHAPELARIA CATHARINENSE

É impossivel comprar-se chapéus mais baratos que nesta casa. Ha tambem mais a vantagem de haver grande sortimento para se poder escolher a gosto. Em preços não poderá ter competitor porque vende baratissimo tanto a varejo como em porção; que para isso chama a attenção dos senhores negociantes do interior.

RUA DE JOÃO PINTO, N. 3

CONSELHO AS MAES.

O XAROPE CALMANTE DA SRA. WINGLOW deve usar sempre que os meninos padecem na dentição. Proporciona alivio immediato ao pequeno paciente: produz hum sono tranquillo e natural, calmando todas as dores, e logo amanheca o angelinho risouho, e feliz e muito agradável ao paladar. Allivia a criança, amollece as gengivas, afugenta as dores, regula as evacuações, sendo o melhor remedio que se conhece para a diarreia occasionada pela dentição ou por outra causa.

IMP. NA TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO